

HOMENAGEM
DAS
Juventudes Monarchi-
cas Conservadoras
À
MEMORIA SAUDOSA
DE
EL-REI D. CARLOS I
E DO
PRINCIPE REAL D. LUIZ FILLIPPE

Propriedade e edição das **JUVENTUDES MONAR-**
QUICAS CONSERVADORAS

COMPOSIÇÃO — Rua do Diario de Noticias, 44, 2.ª IMPRESSÃO — Rua do Diario de Noticias, 61
1925

Maison Parisienne

ELIE LAGARDE

PÂTISSERIE

CONFISERIE

262, Rue Aurea, 264

LISBONNE

Fourniture de Déjeuners, Lunchs ou Diners en ville

DÉJEUNERS DE 11 À 15 HEURES

TEL. N 2849

Companhia de Seguros "ATLAS"

Sociedade Anonyma de Responsabilidade Limitada

SEDE

Rua das Pedras Negras, 24, 2.º-Lisboa

Delegação no Porto

Rua do Almada, 10-1.º

Effectua seguros terrestres, marítimos, agrícolas, cristaes e postaes

Actual direcção: (Conde de Arrochella
Dr. Fernando Cortez Pizarro
Dr. Francisco d'Assis Teixeira
(Felgueiras)

PEÇAM

**INFORMAÇÕES
DE TAXAS**

COMPANHIA DAS AGUAS DE LISBOA

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL: 7.000.000\$00

1.ª serie emitida 5.000.000\$00

Mesa da Assembleia Geral

Presidente

Domingos Pinto Coelho

Vice-Presidente

Ernesto Driesel Schroeter

Secretarios

Conde de Bomfim (José)

José Allemão de Mendonça

Cisneiros e Faria

Vice-Secretarios

Manuel José Monteiro

Carlos Teixeira Frazão

Direcção

Presidente

José Martinho da Silva Guimarães

Director-Delegado

Carlos Augusto Pereira

Directores

João Henrique Ulrich

José Maria de Oliveira Simões

José Augusto Moreira de Almeida

Conselho Fiscal

VOGAES

Manuel José da Silva

Sebastião de Mesquita

Manuel Croft de Moura

Séde da Companhia

20, Avenida da Liberdade, 20-Lisboa

KONINKLIJKE

HOLLANDSCHE LLOYD

(Mala Real Hollandeza)

Para Las Palmas, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Ayres.

A 9 de Fevereiro o paquete GELRIA

A 23 de Fevereiro o paquete FLANDRIA

ROTTERDAM ZUID

AMERICA LIJN

E

KONINKLIJKE

HOLLANDSCHE LLOYD

Serviço combinado para carga para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e Rio Grande do Sul, e para todos os portos do Sul do Brasil com transbordo no Rio Grande do Sul.

A 9 de Fevereiro o vapor MAASLAND

REGRESSO

PARA LEIXÕES, VIGO, CHERBOURG, SOUTHAMPTON E AMSTERDAM

A 25 de Fevereiro o paquete ZEELANDIA

AGENTES GERAES EM PORTUGAL

OREY ANTUNES & C.ª LIMITADA

PORTO

62, Largo de S. Domingos

LISBOA

4, Praça Duque da Terceira

A MUNDIAL

Companhia de Seguros—S. A. R. L.
SEDE Rua Garrett, 95 — Lisboa
FUNDADA EM 1913

FILIAL DO PORTO: na sua propriedade, Praça
Guilherme Gomes Fernandes, 10

(Mundial-Lisboa)

Telegramas: (Mundial Porto)

(Lisboa: C. 4084, C. 3894, C. 4240)

Telefones: (Porto: 375-1459)

Capital inteiramen e re lisado: Esc. 1.000.000\$00

Reservas: Esc. 2.017.153\$93,2

Resumo das operações da Companhia desde a sua fundação

Anos	Receitas-Esc.	Reservas-Esc.	Lucros-Esc.	Dividen- dos por ação
1914	171.894\$09	64.244\$75 1	13.618\$03 8	\$55
1915	208.052\$99 6	102.007\$47 1	21.003\$98 9	\$60
1916	653.114\$13	208.064\$29 2	35.323\$59 5	\$80
1917	1.225.029\$92 8	315.123\$04 3	45.692\$03 7	\$300
1918	1.132.254\$36 5	403.402\$76 7	62.406\$65 4	\$800
1919	530.326\$93	430.848\$10 5	70.137\$90 8	\$600
1920	792.782\$74 5	640.696\$14 7	120.297\$28 8	\$1200
1921	1.076.749\$34 5	749.018\$09	142.122\$71 1	\$2000
1922	1.887.999\$09	1.372.309\$43 2	217.418\$67 3	\$3000
1923	4.246.038\$69	2.017.153\$93 2	522.731\$02 8	\$4000

Acidentes do trabalho—Vida—Incendio—
Transportes—Roubo—Responsabilidade civil—
Cristaes—Assaltos—Greves e Tumultos

Director-Geral: EDUARDO PLACIDO

HOMENAGEM

DAS

Juventudes Monarchicas Conservadoras

El-Rei
D. Carlos

Horas antes da tragedia No 1.º de Fevereiro
de 1925

O Rei revelado ao grande publico pelas "Cartas" parece-me ser especialmente o retratado por Laszlo no admiravel quadro que El-Rei D. Manuel tem no seu escriptorio de Fulwell. Nada mais surpreendente que a psychologia dos grandes mestres da pintura; e Laszlo soube fixar na sua tela singular e brezi d'animo, a peculiar distincção, a penetração da intelligencia, caracteristicas da personalidade unica d'El-Rei D. Carlos. Podem ser filhos d'uma Bourbon, d'uma Saboia, os Braganças, dizia-nos uma vez "Alguem", são sempre Braganças; isto é, afinal são sempre os mais portugueses dos portugueses. Que El-Rei D. Carlos o era de veras e a fundo, ninguém que o tenha conhecido pode pôr em duvida; que mau grado as suas excepcionaes qualidades e raros dons pudesse tão barbara e odiosamente ser assassinado, só serve para provar quão alheia andava então a "politica" do "Serviço d'El-Rei". Seja este facto para sempre lembrado e aproveitado pela nova geração monarchic: será a melhor homenagem á sua memoria.

AYRES D'ORNELLAS

A Corôa do martirio tem rutilações mais do que as das coroas do que o diadema regio. El-Rei D. Carlos tem um destaque inigualavel na Historia dos Reis de Portugal. Foi Elle o unico que padeceu o martirio no cumprimento da alta missão de Rei. O crime espantoso que o victimou, continua a ser cruelmente expiado pela Nação inteira; porque não soube desde logo, n'uma cobardia aviltante, justicar os varios e multiformes responsaveis do nefando attentado.

Enquanto persistirem no ambiente social os mesmos miasmas que tornaram possível a actividade dos matadores de El-Rei e do saudosissimo Principe tão cheio de bondade, de intelligencia e de amor á Patria Portuguesa, não tornará a haver Paz em Portugal. Para que se possa viver em nossa terra, é indispensavel purifica-la.

D. Thomaz d'Almeida Manoel de Vilhena



A ultima caçada em Villa Viçosa

O primeiro livro d'El-Rei D. Carlos

E' pouco conhecido e devem ser hoje muito raros os exemplares do primeiro livro que El-Rei D. Carlos publicou quando ainda Principe Real.

E' um pequeno folheto sobre «A defesa da barra e Porto de Lisboa» assumpto então muito debatido entre os officiaes da Commissão de Defesa e da Escola e Serviços de Torpedos onde o então Principe Real fez serviço durante dois ou tres annos até que casou em 1888.

Tendo-se escripto tanto sobre o desventurado Rei D. Carlos nunca li a menor allusão a este facto nem a esta publicação, que evidencia mais uma modalidade da variada illustração d'El-Rei que tratou este problema com grande competencia.

Era grande nesse tempo o numero de technicos que estudaram o assumpto e do resultado dos seus trabalhos sahli um plano a que se deu inicio com a construcção das obras de fortificação que hoje constituem o Campo Entrincheirado. Esse projecto não foi continuado por difficuldades d'ordem financeira, mas quando um dia se pretenda completar, haverá que consultar os alvitre da epoca em que salvos os progressos de 40 annos e as lições da ultima guerra se irá encontrar a justesa e o bom criterio de então.

Polycarpo de Azevedo

Tive sempre El-Rei D. Carlos, desde a primeira vez em que servi com elle, como o melhor fiador dos destinos desta nação apathica, teimoso até á cegueira em não querer saber do bem publico.

Encontro-o bem frizado em documento, carta, do illustre e respeitavel Professor da Universidade de Coimbra, o Doutor José Alberto dos Reis, a proposito das «Cartas d'El-Rei D. Carlos I». Apoz amaveis palavras e referencias, de uma antiga e reciproca estima, refere o sabio Professor:—«N'esta parte (o juizo formulado nas «Cartas» ácerca de D. Carlos) o livro não constituiu para mim uma surpresa. Tenho bem guardado na memoria o seguinte episodio. Um dia, em pleno periodo da propaganda, estando V... em Coimbra, conversava-se, com favor e agrado, do programma do partido re-

generator-liberal, e, a proposito da sua viabilidade, alguém alludio a El-Rei D. Carlos e ao que d'elle se fazia correr e pensar. Lembro-me perfeitamente de V... ter respondido: «Estão enganados; não conhecem o Rei, que é victima, por esse paiz fóra, da fama que lhe criaram; no dia em que elle se decidir a metter hombros á empresa de salvar o paiz, hade ver-se, que elle possui uma vontade forte, ao serviço d'um grande caracter».

Assim eu fallava d'El-Rei D. Carlos, no periodo agudo do meu «ostracismo», incerto do meu futuro politico, expulso da Camara por meio e força de decreto dictatorial, que alterava e alargava, «ad hoc», a composição e a área do circulo de Guimarães, por onde eu fóra sempre eleito e reeleito, com lucta e sem ella, desde o primeiro dia.

Defeitos tive, erros commetti. Mas para satisfação da minha consciencia posso pensar, que não foi a hora do poder, ou a da sua morte—ponto de partida de tanta desventura—o que me levou a dar a El-Rei D. Carlos o que era seu.

João Franco

El-Rei Dom Carlos diplomata

Nos poucos momentos desocupados da administração agrícola, junto á lareira da minha casa de lavoura, li nas férias ultimas entr'outros, e para descançar o espirito de assumptos pesados, o livro do conde Boni de Castellane: «Comment j'ai découvert l'Amérique» - em que o auctor conta alegremente a sua odysseia através da fortuna millionaria de Anna Gould sua mulher, de quem hoje se á divorciado bem como dos milhões de dollars que ella possui.

Auxiliada pelo brilhante espirito de seu possuidor ephemero e pelo nome tradicional da sua familia essa riqueza serviu para fazer brilhar um momento, com fulgôr, Boni de Castellane em todos os meios mais cultos da França: Arte, letras, jornalismo, politica, mundanismo internacional, etc.

Recebeu no seu palacio de Paris e no seu castello de Marais os grandes da terra e entre elles o nosso tão saudoso Rei Senhor Dom Carlos, a quem por mais de uma vez allude no livro. E como n'elle se occupa da «entente cordiale» anglo franceza, embora sobre este ponto ignorasse o papel representado pelo soberano portuguez em meu espirito eu liquei El-Rei de Portugal, Invoocado assim perante mim, a esse episodio de tão vasto alcance.

O pae do nosso tão querido Rei Senhor Dom Manuel foi realmente o padrinho d'esta quasi aliança das duas nações, que anteviu preconizou e na qual interveiu justamente no momento opportuno em que só uma personalidade da sua envergadura social e intellectual, por todos tida na maior consideração, a poderia tornar efectiva servindo de traço de União.

Alta capacidade diplomatica, El-Rei Dom Carlos sobe pousando ás duas partes o embarço, que muitas vezes inutilisava sagazes desejos, de qual devêra ser a primeira a avançar, ligal-as intimamente.

De conversas do nosso Rei com Delcassé, em Paris, e com Eduardo VII, em Londres, resultou desaparecerem as difficuldades e desconfianças que separavam estas duas nações, ameaçadas sempre d'um perigo comum que de 1914 a 1918 bem vimos qual era e que, nem uma nem outra, isoladamente, exorcisaria.

Bastaria certamente a dedicação notoria d'El-Rei por estas duas nações para explicar a sua iniciativa. Mas a sua ideia era mais profunda. Via n'essa «entente» a garantia da paz universal. Mas a sua ideia era mais nacional. Via n'esta ligação o afastamento d'uma grande ameaça que a megalomania - infinitamente patriótica, não o discutido - imperio allemão todo poderoso, fazia pairar sobre nós.

No auge da sua grandeza e de seu poderio, a Alemanha chegou a pensar na repetição do bloqueio napoleónico da Inglaterra. Com a triplice-aliança já feita e com a França que esperava levar para seu lado á força de compensações larguissimas e com a He-panha que tentaria trazer a neutralisar o nosso papel de fiel aliado da Gran-Bretanha, dando-lhe como compensação a Iberia una, o imperio allemão contava repetir d'esta vez, com exito, a empreza de Napoleão.

El-Rei D. Carlos instigando a Inglaterra e a França a unir-se, inutilisou a conjura e assim concorreu para a paz durante alguns annos mais e para os resultados da grande guerra.

De nós arredou a espada de Damocles da subversão.

O Rei Eduardo dizia tempos depois ao Rei Dom Carlos: «Realizou-se o que pensaste.»

D. Luiz de Castro

REFLEXOES

... e volvidos desesete annos sobre o crime, vergado ao peso da desolação causada pela partida para as regiões d'Alem, n'este Janeiro frio, de tantos combatentes illustres d'esta Cruzada Santa, eu interrogo a minha consciencia, - não vá a morte ceifa amanhã esta vida - e pergunto-lhe se poderia afoitamente apparecer perante o Grande Rei que morreu pelo ovo e perante um gentil Príncipe, que era bem uma esperanza de todos nós.

E a consciencia - juiz severo, sempre prompto a condemnar - diz-me que, se sempre tenha honrado as suas memorias, isso não basta. E' preciso resgatar a Patria, pela qual morreram essas duas almas de elite. E' necessario restabelecer a paz, normalizando a vida, n'este Portugal, que Elles tanto amaram. E' absolutamente indispensavel, trazer para junto de nós o Filho sobrevivente da catástrophe, restaurando-lhe o Trono que um vendaval de ha quatorze annos, derruiu.

Então, eu juro, seguir os dictames da minha consciencia emquanto Deus, na sua infinita misericordia me der um sopro de vida.

Que todos, n'este proximo dia 1 de fevereiro, façam tambem o seu exame de consciencia. E com a espada, com a penna, com a bolsa, ou com o trabalho, ajudem ou tomem parte na Campanha. E terão bem merecido das Regias victimas, de tão saudosa memoria.

Janeiro, 1925.

FERNANDO PIZARRO
Presidente do Nucleo Regional de Lisboa

O Principe Real D. Luiz Filipe



Na sua viagem ás colonias de que tanto bem, resultou para o Paiz

PER CRUCEM AD LUCEM!

A juventude portugueza de hoje, ardentemente nacionalista, repudia os falsos dogmas do liberalismo e põe as suas esperanças de melhor futuro na revivescencia da tradição nacional, catholica e monarchica.

Bem hajal!

Por isso mesmo o monstruoso crime perpetrado ha 17 annos - pelo qual um Rei prestigioso e um Principe d'esperançoso futuro foram as innocentes victimas expiatorias dos erros do passado - não lhe inspira somente horror. Provoca n'ela o firme proposito de aceltar resolutamente a parte que lhe cabe na expiação colectiva e social que encerra de vez o periodo revolucionario aberto em 1820 e rasgue novos horizontes á Grey.

Seja a fé religiosa, firme e consequente o seu mais nobre apanagiol

Nobilita o espirito christão de sacrificio, tendo por lema a eterna verdade: «Per CrUCEm ad LUCEm!»

J. Fernando de Sousa
(Nemo)

O dia de hontem e o dia de hoje

O calendario «republicano» diz que o «31 de Janeiro» - o dia de hontem - foi o «precursor» da Republica.

Não é exacto.

«Precursor» da Republica não foi o ligeiro episodio de ha 34 annos; como «precursora» d'ella não foi essa exigua massa de conjurados, hoje mortos uns e desiludidos os restantes.

«Precursor» da Republica foi o hediondo crime de ha 17 annos.

No seu sangue a argamassaram. No rasto e na impunidade d'elle, encontraram alento para os outros crimes, para «o maior de todos»: - a Republica!

«Precursor» da Republica foi, pois, o «1 de Fevereiro» - o dia de hoje.

Lisboa, 1 de Fevereiro de 1925.

Paulo Cancellia d'Abreu

Ha dezasete annos!...

O assassinio aleivoso e covarde de El-Rei D. Carlos foi um crime horrendo; a morte cruel do Principe Real assumiu as proporções d'uma barbaridade inconcebivel!

O Senhor D. Carlos dispunha de todas as qualidades que fazem grande um Rei. Era Intelligentissimo, illustrado, artista, coraço-o, patriota. Politico arguto e habil diplomata. seguia com cuidado e interese a marcha dos negocios publicos e trabalhava sem descanso para que o seu paiz muito amado occupasse no conceto das nações uma situação de relevo. Nunca Portugal mereceu a attenção das grandes potencias, e as deferencias dos Chefes de Estado, como no seu reinado brilhante e fecundo.

O Senhor D. Luiz Filipe era uma esperanza, a desabrochar, radiosa e promettedora. Principe estudioso e bem intencionado com os olhos sonhadores sempre voltados para a tradição, para o passado glorioso, viria a ser, com certeza, um Monarcha notabilissimo.

Dar morte violenta a um Rei, como o Senhor D. Carlos, e a um Principe, como o seu filho primogenito, foi um acto abominavel, um delicto atroz, de que toda a nação está soffrendo as consequências fataes e o tremendo castigo.

Ha deza-sete annos que o sangue generoso e nobilissimo de El-Rei e do Principe Real, derramado n'uma hora sinistra para a patria portugueza, está pedindo justiça. Confiio em que o Portugal de Ourique e de Aljubarrota, da India do Brazil, das conquistas e das descobertas, com o auxilio de Deus e da Virgem Padroeira, ha de sabê-la fazer!

Lisboa Janeiro, 1925.

ANTONIO CABRAL

DOM CARLOS I DE PORTUGAL

Se alguma recompensa os meus serviços á Causa d'El-Rei que é, antes de tudo, a Causa Nacional e o motivo unico da Redempção do Paiz - podem merecer dos meus Chefes e dos meus gloriosos companheiros de lucta é ella o grato e singelo prazer de sentir que antigos e gloriosos combatentes, camaradas como o meu querido Amigo Dr. Fernando Pizarro (o denodado presidente do Centro Monarchico Academico de Coimbra de 1910) julgam o meu pobre mas ardente coração de Portuguez a minha e pado de combatente no Monte-Pedral e em Salreu, de Estarreja... e de sempre, capaz e digna de render a mais respeitosa continencia á memoria do Valoroso e Santificado Morto de São Vicente de Fóra - e ao espirito gentilissimo do Principe Martyr, o Primeiro Portuguez morto em Serviço d'El-Rei, Sua Alteza Real o Principe Dom Luiz Philippe.

Porto, 12 de Janeiro de 1925.

Francisco Pereira de Sequeira
(Presidente das Juventudes Monarchicas do Porto)

Divida sagrada

A publicidade recentemente dada a algumas cartas d'El-Rei D. Carlos e o testemunho d'homens publicos que, ao serviço do paiz com elle tiveram intimo convívio, acabaram de dissipar, como nuvens que o sol rompe, as sombras maculadoras em que as paixões politicas, os odios facciosos haviam envolvido a sua figura, denegando-a caluniosamente.

A hora da justiça sou para esse mallogrado e desventurado Rei, que os seus adversarios tão infamemente vituperaram e os seus partidarios tão frouxa e pusilanimemente defenderam...

Hoje, não já republicanos que proclamam a ceticção dos seus falsos juizos, das infundadas recriações que lhe fizeram, das responsabilidades que erroneamente lhe imputaram.

N'esses documentos intimos e, por isso, insuspeitos, o homem e o soberano apparecem inteiramente diversos d'aquella falsa personalidade, egoista, sceptica, alheada da vida politica do paiz, apenas absorvida pelos seus gostos e prazeres, que os seus detractores propozitadamente inventaram e fizeram tomar, como verdadeira — por meio da lenda maledicente, para os effeitos da sua propaganda contra a Monarchia. Precisavam d'um «tyranno», d'um «monstro», cujas prepotencias e maleficios justificassem as suas violentas arremetidas contra o regimen que elle personificava.

Vê-se agora que o monarcha era justamente o contrario do que essa torpissima lenda o fazia. A bondade, a indulgencia, a honestidade meticulosa, a simplicidade na vida intima, o interesse pelas coisas publicas, o zelo do bem do seu paiz, a lealdade para com os seus ministros, a intelligencia, a cultura do espirito, a curiosidade scientifica, a paixão da arte, — é que eram os traços dominantes da sua individualidade.

Mas essa justiça, que já em pensamentos e palavras, se via fazendo ao Rei Martyr, terá, um dia, de se afirmar solemnemente, n'uma conagração publica e nacional, que a fique eternamente attestando.

Quando a Republica ruir sob o peso esmagador dos seus erros, dos seus desvios, dos seus crimes e ante a revolta do paiz, farto de soffrer a sua oppressão e as suas extorsões, quando, d'entre os escombros d'essa derrocada formidável, resuscitar a Monarchia, imposta pela necessidade da salvação nacional — então será a hora de saldar com a memoria d'El-Rei D. Carlos e tambem com a do heroico e nobilissimo Principe Real, morto como um bravo em defeza de seu Pae, uma grande divida de justiceira reparação.

E' preciso que, n'uma praça de Lisboa, sobre um alto e poderoso pedestal de marmore arrancado ás entranhas da terra portugueza, se ergam, em bronze, lado a lado, as figuras attivas do Pae e do Filho, unidos n'essa glorificação como unidos foram no momento supremo da morte.

Em face d'esse monumento expiatorio, preito de gratidão e piedade, bem devido ás duas réguas victimas, os politicos e a nação inteira, evocando a tragédia de 1 de Fevereiro e as desgraças que d'ella advieram á Patria como que terão deante dos olhos, uma das mais tremendas lições da sua historia: — aquella que nos ensina que mal vai aos povos que não tem o amor e o culto das instituições que os fazem felizes e prosperos e esquecem o que devem aos que as personificam e parecendo ser n'ellas, os primeiros no mando, são, de facto, os primeiros no sacrificio e nos duros encargos, espinhosos cuidados e pesadissimas responsabilidades da governação do Estado.

Luiz de Magalhães

A minha homenagem

Quando em 1908 fallei pela primeira vez na Câmara dos Deputados, como representante do partido nacionalista, disse ter ido na vespera, em piedosa romagem ao pantheon de S. Vicente, onde comovidamente me curvára perante os corpos que encerraram em vida a alma viril, nobre e delicada de El-Rei D. Carlos e o espirito gentilissimo do principe D. Luiz Philippe.

Acrescentei que a tremenda visão cahira na minha consciencia como um remorso, e que então vi, nitida e intensamente, que todos nós — uns pela sua acção, outros pela sua inação — tínhamos o nosso quinhão de culpas na formidável tragedia.

E porque as temos — adito agora — nobre e salutar é confessal-as.

E porque as temos é dever sagrado expial-as, preparando no sofrimento — sem o qual nada ha de grande na terra — um futuro de paz de prosperidade e de glória para a Patria, ao serviço da qual D. Carlos soffreu o martirio, escrevendo com seu sangue mais uma pagina de grandeza na esplendida historia dos reis de Portugal.

E porque as temos é indeclinável obrigação honrar a sua memoria, exaltal-a glorifical-a, bem-dizel-a.

Dó depois da sua morte é que pudemos ver como elle fora columinado, trahido, desfigurado, por torvas ambições e inconscientes interesses, a sua personalidade moral por tantos titulos, emittente e interessante. E pouco a pouco vai-se apurando a verdade e a consciencia publica reconhece já em D. Carlos um grande Rei, com uma clara visão politica, victima do dever, morto no seu posto d'honra, e precisamente quando, pratica e eficazmente, se interessava pelo resurgimento e esplendor do seu reino, ao qual, pela sua acção pessoal, dera uma situação internacional como ha muito elle não tinha.

Devia ser uma apoteose a sua projectada viagem ao Brazil, de que mais nos aproximaria n'um transcendente gesto politico de incalculáveis consequências!

Até seus adversarios no campo republicano começam a sentir e a confessar a injustiça da sua campanha odienta. N'uma entrevista concedida em julho d'este anno ao «Diário de Lisboa» por João Chagas, este, a proposito da carta XII de D. Carlos, relativa á desgraçada questão dos levantamentos, publicada no livro de João Franco, diz o seguinte: «altiva a memoria de D. Carlos de um grande peso...»

Honrem pois, todos os portuguezes, seja qual for seu credo politico, sua memoria.

E as-temos todos em que a bala que o victimou, fez parar o coração de um dos mais devotos servidores da nação, comuando, as-tem, uma clamorosa obra de iniquidade.

Não pode viver, nem prosperar, nem dar-nos a felicidade um regimen, cujos alicerces se acham ensofados em sangue inocente.

Porque o mataram? Porque era um despota? Mas quizes seus actos de tyrannia? Citem, com verdade, as perseguições que promoveu ou auxiliou? Não esmagou a liberdade, apenas procurou pôr termo a «licença», que já então preparava a ignominiosa anarchia em que vivemos.

Não perseguiu homens, mas sim erros. Quiz sanear o nosso meio politico. E pôde al-

Sua Magestade El-Rei D. Carlos

São decorridos dezete annos apoz que uma morte trágica determinada por um luracão de tempestades politicas, prostrou Sua Magestade El-Rei D. Carlos, que pela sua simplicidade, pela sua modestia, pela sua bondade, pelo seu primoroso caracter e qualidades de coração, tanto se impunha ao nosso espirito e admiração, não só como Rei, mas tambem como chefe de familia, como amigo do seu povo, e amigo do seu amigo, e aquelle relativamente largo espaço de tempo ainda não afastou do nosso espirito a horrível quadra d'aquella sanguinolenta scena.

E ao que tem dado lugar tam tremendo crimel aparte a questão politica, que baixezas, que indignidades, que infâmias!

Quem, como eu, teve a subida honra de servir junto de Sua Magestade, tem tido occasião de observar que muitos e muitos que da bolsa particular de Sua Magestade receberam fartos meios, uns, e não poucos, para estudarem e obterem uma

quem negar que este estava realmente enfermo, corrompido, pôdre? Em tal estado — e encontrava que deixou triumphar em 5 d'Outubro de 1910 o que não foi mais que um tumulto sobre uma sociedade desorganizada.

Das contas ultimamente publicadas, e que constituem documentos irrepondíveis, resulta que El-Rei, o primeiro arauto do «nacionalismo» que hoje triumphou entre os novos e intellectuaes, quiz levar a cabo a sua tarefa de revisão, rectificação e reconstrução nacional sem violencia; que o seu bondosissimo coração estendia sua piedade até aos mais ferozes inimigos, e que morreu, como viveu Rei de todos os portuguezes.

E o que veio depois? A tão apregoada libertação?

Não, mil vezes não. Apenas o grosseiro imperio d'uma «elta» que fazendo triumphar ineptos e corruptos, nega praticamente aos seus adversarios todos os direitos e priva a Igreja de suas liberdades essenciaes.

O parlamento por inteiro desacreditado e reputado como nocivo, é por ventura, a expressão da vontade nacional? Quem ousa affirmar-o? Quem não vê n'elle um autentico ludibrio? Mal por mal antes o despotismo d'um só responsavel perante a sua consciencia, a nação e a historia do que o despotismo do numero, anónimo e irresponsavel.

Porque o mataram? Porque arrastava o seu povo para a ruína? Mas dá-se precisamente o contrario. D. Carlos — como já accentuamos — foi morto no momento em que não poupava esforços, nem perigos, nem sacrificios, para engrandecer Portugal; quando procurava moralisar a administração financeira, prestigiar-nos, integrando-nos na «politica europeia».

E que surgiu depois? O desprestigio externo, o pavoroso agravamento da crise financeira e economica, clamorosos escandalos na administração publica, o aumento alarmante da criminalidade, o abandono da causa da instrução, a violencia guindada ás honras de sistema normal de governo, a intranquillidade nos e-ppitos, um materialismo torpe, um videirismo reugnant que tran-formou o paiz n'um «indicado de appetites e interesses».

E foi para isto que se matou o Rei enodando a nossa Historia, ofuscando os sentimentos de piedade e generosidade da grey, renegando tradições, quebrando a necessaria continuidade historica?

No meio d'este amontoado de ruínas, erros e crimes, surge justificada, cada vez mais bella, nobre e sagrada a acção do Rei martirizado que, antes e melnor que ninguém viu onde residia a salvação nacional e por ella heroicamente trabalhou, luctou soffreu e morreu.

E porque isto é as-tem; e porque a sua falta é cada vez mais sensível; e porque lhe devemos perpetua homenagem n'este dia de luto e de saudade, em que o nos o futuro tão incerto se apresenta, juremos sobre o cadaver do Grande Rei que aproveitaremos a sua lição que seguiremos a sua voz de comando, que do alem se faz ouvir ainda, e que não deixaremos que seu sangue tenha cahido de balde sobre a doce e bemdita terra portugueza.

PINHEIRO TORRES

carreira, e outros, em não menor numero, para lhes valer em graves difficuldades, foram os primeiros a insultar-lhe a memoria e monoscabarlhe o caracter.

Quanta mentiras, quantas calumnias, quantas infâmias se vomitaram sobre o seu cadaver apoz a proclamação da Republica! Mas o que é certo é que, se sobre alguns Reis de Portugal, a verdade historica está ainda por defender, e é motivo de largas controversias essa verdade historica com respeito a Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Carlos, ali está, com grandissima satisfação de todos que lhe foram dedicados d'alma e coração, todos os dias a patenear-se pondo bem em relevo a sua grande figura moral e intellectual, que tanto o pôz em destaque entre os soberanos da Europa. Que tremendissima desgraça o seu vilissimo assassinato representou para esta pobre Patria, onde, em quatorze annos d'um regimen cimentado com sangue e avesso á vontade da Nação, se tem passado... o que todos conhecem.

Alfredo de Albuquerque

ex-coronel de cavallaria e antigo ajudante de campo de Sua Magestade

EL-REI NA INTIMIDADE

Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Carlos I, de memoria sempre tão saudoso, foi como é sabido, uma pessoa de grande entendimento e vasta sabedoria.

Foi polyglota notavel, pintor talentoso, orador brilhante, escriptor elegante e castigo, musico erudito, naturalista de fama.

E foi tambem um politico raguto ao mesmo tempo que se revelou tantas vezes diplomata finissimo. Que o digam aquelles que ainda vivem e foram seus ministros.

Não exagerava um conhecido homem publico francez quando, ao saber da trage dia do Terreiro do Paço, affirmava que n'esse dia faditico desaparecera um dos maiores estadistas da Europa.

Esse grande Rei que sabia com tanto brilho disserter sobre assumptos tão diversos, não gostava todavia de fallar nem que lhe fallassem em politica. Para conversar sobre governação tinha todos os dias os seus ministros e algumas vezes os Conselheiros d'Estado, não consentindo que a respeito d'uns e d'outros lhe lizessem a menor referencia desagradavel.

Sei eu d'uma pessoa que, tendo durante muitos annos vivido com Elle em respeitosa e constante intimidade, só uma unica vez foi interrogado sobre assumpto politico, porque essa pessoa era n'esse tempo deputado da Nação e só por isso.

Um dia, era no inverno, Sua Magestade foi caçar a Mafra e levou alguns convidados.

Eu fui como medico de serviço.

A pesar do mau tempo frio e chuvoso a batida dera bom resultado durante a manhã.

A' hora do almoço El-Rei com o seu bom humor conversava alegremente e para todos tinha uma phrase amavel. Elle que era um attractor de fama mundial, achava sempre que na caçada as melhores proezas eram as dos outros. Contavamse episodios de caça, explicando El-Rei como pudera com uma carabina de novo modelo alvejar um javardo a uma grande distancia achando naturalissimos e achando facéis os admiraveis tiros dobrados que fizera ás galinholas; citava-se a resistencia dos batedores correndo por montes e valles, rompendo com o corpo os matagues molhados. Todos se lamentavam da molha apañada, mas logo se reconfortavam com as migas á alentejana, o arroz de coelho e outros pitêas nacionaes feitos a precelto pelo famoso Honorato, cosinheiro favorito a quem o Real Patrão costumava dar um grande abraço e um grandecharuto quando o visitava na cosinha.

A certa altura do almoço, felizmente quasi no fim, El-Rei, que tanto gostava de saborear o café ainda sentado á meza, teve de referir-se a certo ministro da Corôa e fel-o nos mais justos termos d'elogio á sua intelligencia á sua competencia de professor e á sua respeitabilidade.

Ora um dos convidados lembrou-se n'aquella altura de fazer umas referencias jocosas ao trajar do politico que El-Rei acabava de enaltecer.

A physionomia do Bondo-o Monarcha, de alegre que tinha estado durante a refeição, transformouse de repente em semblante carrancudo mixto de tristeza, de indignação e de pena...

Seguiu-se um silencio desagradavel que só foi

e seguido de todos nós sahia para o terreiro que ficava junto ao pavilhão de caça.

El-Rei para disfarçar a sua máguia ia com uma pistola deitando abaixo as pinhas que se conservavam ainda agarradas aos pinheiros.

Nós todos em silencio mordíamos os charutos e olhávamos indifferentes ora para o chão molhado, ora para as arvores desfolhadas debaixo d'um ceu carregado de nuvens.

Ninguém se importava com a briza gelada que vinha da serra, tão grande era o frio que o incidente do almoço tinha posto nos corações.

Até a saloia e os proprios cães estavam cabibaxos como se percebessem que se tinha passado qualquer cousa fóra do costume. O Rei não conversava com os batedores tratando-os pelos seus nomes, a comitiva não folgava...

Inesperadamente ouviu-se o silvo d'uma sereja e logo na volta da estrada apparecia um automovel. Era o Principe Real D. Luiz Filipe que de Lisboa ia fazer uma surpresa a seu Augusto Pae.

Embrulhado n'um capote alentejano que Elle Proprio quem vinha ao volante.

Salto ligeiro do carro e correu a beijar a mão d'El-Rei que o abraçou com ternura e já com a sua habitual cara de bondade.

Foi um alivio para todos. Parecia que o Sol se tinha mostrado repentinamente n'aquella tarde d'inverneira bravia.

Que alegria d'aquelles dias! Entes que tanto se pareciam, tanto se amavam, tanto se admiravam mutuamente e que a morte juntou na mesma tragedia!

Querido Principe! Tão bonito tão esbelto, tão amavel, tão bondono, tão nubre, tão valente!

O ultimo Duque de Bragança era realmente um conjunto feliz das grandes qualidades dos seus Altissimos Progenitores.

Querido Rei! Querido Principe!

São passados de setenta annos que eu tive de baixar a cabeça ao pezo d'uma grande dôr como quem a baixa para deixar passar um vagalhão alteroso.

Depois, quando tornei a erguer a, dei pelos meus primeiros cabelos brancos...

Lisboa, 1-1-1925.

Thomaz de Mello Breyner

Conde de Mafra

Victima do dever



Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Carlos

interrompido pela voz do tal convidado que numa insistencia desatrada perguntava ao Seu Rei e Senhor se nunca reparara nas nodosas que tinha na sobrecasaca o tal ministro e nas suas botas por engraxar.

Foi então que El-Rei o Bondosissimo Rei, muito vermelho, se voltou para o «gaffeur» mofo e com uma expressão que jamais esquecerei assim fallou: «Pois sim, F. terá nodos no fato mas não as tem no caracter e se as botas estão sujas, a sua reputação está limpiissima e é quanto me basta». Dizendo isto levantou-se bruscamente

Monarchicos!
Protejei os correligionarios necessitados
Inscrevei-vos na
ASSISTENCIA R. Diario No. 1013, 44, 2.

Juventudes Monarchi- cas Conservadoras Nucleo Regional de Lisboa

Travessa das Mercês, 23

Se todos os portuguezes que se dizem monarchicos estivessem inscriptos nas Juventudes, a nossa associação, hoje, já poderosa, teria uma força incalculavel.

Com uns tostões pagos ao mês, ou uns milreis pagos ao anno, todos, ricos e pobres, antigos partidarios da realleza, republicanos desilludidos que teem vindo aos centos para as nossas fileiras, devem no dia de hoje e como homenagem á memoria das régias victimas, pedir um boletim de inscrição, para assim engrossar a phalange das juventudes, que d'esta forma adquirirá novos alentos para continuar a lucta na defeza do nosso patrimonio.

Portuguezes leaes; amigos do nosso Rei:

Inscribei-vos nas Juventudes



SALÃO MODELO

DANIEL JOSÉ FERNANDES

82—Rua Nova do Almada—84

LISBOA

CHAPEUS

PARA SENHORAS
E CRIANÇAS

ARTIGOS
DE FANTASIA

Sempre

as ultimas

novidades

de Paris

Telefone 3908



Sociedade Corretora Limitada

Agencia de Lisboa

Agentes gerais em Portugal da
Companhia de Navegação "Carre-
gadores Açoreanos", cujos vapores
fazem escalas regulares entre Ponta
Delgada, Havre, Londres, Hambur-
go, Anvers, Porto e Lisboa.

Comissões

e
Consignações

24, PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA

TELEFONE C. 4272

PAPELARIA

ARTIGOS DE ESCRITORIO

V.^a de Manoel da Costa Marques & C.^a, L.^{da}

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38

LISBOA

ESTABELECIMENTOS

JERONIMO MARTINS & FILHO

Rua Garrett 13 a 23

Telefone C. 221

MERCEARIA—PAPELARIA—TABACOS
Artigos de novidades
Porcelanas, Faianças, Xarões, etc.

O mais completo sortido em
objectos proprios para brindes

Banco Popular Portuguez

Séde—Rua do Loureiro, 46—PORTO

Telefone: 2087 End. Tel.: BANCOLARES

Filial em Lisboa

R. AUREA, 56, 60

Telefone: C. 3521

End tel.: BANCOLABES

Efectuam-se aos me-
lhores preços opera-
ção: bancarias sobre
todas as praças do
paiz e do estrangeiro



Chapelaria,

Camisaria

e artigos

de novidade

para homem

Tel. C. 715

"A PARISIENSE"
JOÃO DE SOUZA

60, Rua Nova do Almada, 62—LISBOA—124, Rua de S. Nicolau, 128

MANUEL PEDRO DA SILVA

Rua Nova do Almada

Guarda chuvas—Pentes—Sombrinhas

Leques—Ventoinhas

Rua Nova do Almada, 78

76

A Hora da Justiça

Na doce Terra da Patria

Padecem as virtudes e os meritos debaixo dos resplandores da Magestade, o mesmo que as Estrellas debaixo dos raios do Sol.

De dia estão encobertos e não se veem: mas tanto que o Sol se escondeu no Poente e entenebrecido pelos negrumes da Morte, então se ve e nota com assombro e admiração e hoje com muita pena, dor e remorso, o que antes não convinha se visse e nem se contava.

E' bem certo que o degrau de que se servem todos os ambiciosos para subirem, foi sempre a mentira e a calumnia, e d'esta se gera a iniquidade e o Mal, origem e fonte de todas as desgraças publicas e nacionaes.

Ha Dores tão lancinantes que só Deus as pôde dulcificar, assim como ha lagrimas tão ardentes que só Elle as pôde enxugar.

A distancia d'este Anniversario do Grande Crime, aviva em todas as almas boas e honestas, a Saudade d'Aquelles que perdemos tão tragicamente, e hoje todo o Povo Portuguez, ve de olhos abertos e sem venda, a hediondez do barbaro attentado que victimou «Um Grande Rei Portuguez, um Grande Chefe de Estado», sábio, valoroso, honesto, inteligente e sobretudo um devotado amigo do bem-estar dos seus subditos, a sua preocupação constante junto dos seus Presidentes de conselho, que máos Portuguezes incitados sabe Deus por

quem, assassinaram á falsa fé e pelas costas, ceifando tambem n'esse gesto sangui-nario, a vida d'esse mancebo gentil e innocente, o Principe Herdeiro do Throno.

Revivamos, Portuguezes, a dor d'este Dia Fatal, orando e aguardando a Hora da Justiça que ahi vem.

Honrar o mérito é ser virtuoso: e honrar-o dezassombradamente, apregoando bem alto a Verdade, que a conveniencia

ros a Luz sobre a Honrada e Enaltecida Memória d'estes «Dois Martyres», que o banditismo politico da nossa Terra, sacrifi-

caram tão criminosa e vergonhosamente.

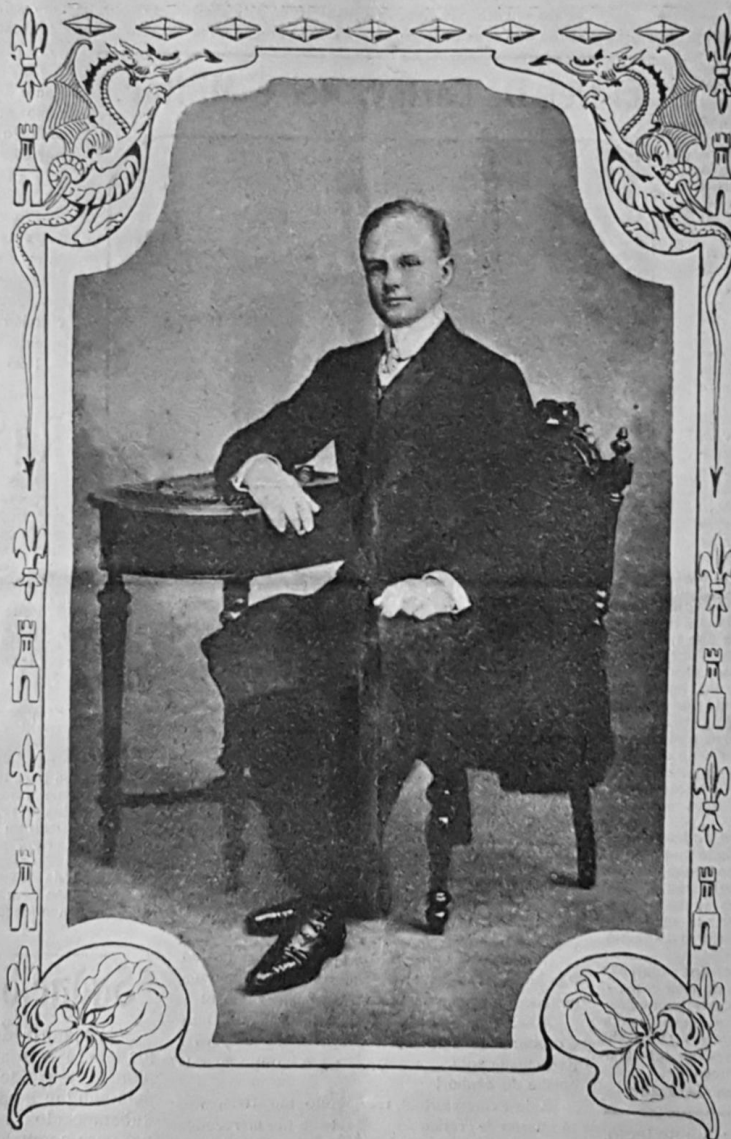
! Dezesseis annos decorridos sobre nos, como um seculo de amargas provações e onde tudo se sente mal, avivam o julgamento sereno e justiceiro da Historia, que nos diz, sem receio e medo de nos enganarmos:

—Se sobre a innocente existencia em flor d'um Principe affectuoso, não pode pesar, porque perante Ella, não levou responsabilidades, sobre El-Rei, o Senhor D. Carlos, lança hoje um Brado Alto de Justa Homenagem ás suas «Virtudes Civicas e Pessoaes», ao seu grande talento, pois tinha aptidões do sobra para ser, como o foi, um Grande Rei e Chefe de Estado; sendo um espirito cultissimo e perspicaz, homem de grandes faculdades mentaes e de grandes faculdades de trabalho, activo, bondoso, alma generosa e nobre, entusiasta por todos os rasgos de heroismo, corajoso até á temeridade, tendo predcados de sobra para medir-se com os Imperantes mais insignes da historia d'um povo.

Limpemos as lagrimas que correm em fio dos olhos da Patria, ha 17 annos, e recalquemos n'esta grande adversidade, a dor que nos queima os labios e nos aperta o coração, fitando serenos e firmes a

«Cruz do Grande Martyrio», essa Cruz exaltada e sublimada pelos nossos «heroes» pelos «nossos Navegadores», pelos nossos «Santos», pelos nossos «Capitães», pelos nossos «Marinheiros», e abraçados a essa Gloriosa Bandeira das Quinas, que todos os ventos bejjaram e desfralda am p lo

Victima do dever



Sua Álteza Real o Principe D. Luiz Fillippe

dos maus e tambem o comodismo facil e seguido de «alguns» velaram e pretendem denegrir e escurentar, é um Dever sacratissimo de todas as almas sinceras d'esta infeliz Terra Portugueza.

Distenda-se a Paz do Senhor sobre estes dois tumulos, mas difunda-se a jor-

Mais um anniversario

Completem-se agora dezessete annos sobre o assassinato cannibalístico de El-Rei D. Carlos e do Principe D. Luiz Philippe.

Quando attentamos no que era a situação do paiz em vida d'Aquella grande monarchia e a cotejamos com a dos tristes dias ue ora decorrem é que nos apercebemos bem, pelo decadencia a que se chegou, a grande falta que Elle nos fez.

O sangue que as balas do Buica, do Costa e dos outros miseraveis assassinos então fez brotar dos corpos do Rei e de Seu Filho primogenito, cahindo sobre a nação inteira, poz n'ella uma noção, que por isso mesmo que é de sangue, muito tem custado a lavar.

A figura de El-Rei D. Carlos—cuja memoria cada anno que passa sobre o seu assassinato torna mais respeitada—dir-se-hia que cresceu ainda com a revelação ao publico de algumas das suas cartas dirigidas a politicos eminentes que com Elle serviram.

Com essa publicação desfez-se para sempre a atoarda malevola de que o Rei não se preocupava com as cousas da governação publica e verificou-se, ao contrario, que a superioridade do seu espirito, que nem os inimigos negavam, e a sua actividade, que a evidencia dos factos nunca permittiu que fosse posta em duvida eram constantemente applicadas no serviço da nação, que a tudo o mais primava nas preoccupações do monarcha.

Infelizmente o assassinato de El-Rei D. Carlos e o do Principe foram ainda seguidos, para maior castigo d'este povo, da implantação da Republica.

Estes quinze annos de provação que pezam como chumbo sobre a vida do paiz tornaram mais palpavel a superioridade theorica do principio monarchico hereditario.

Só um rei, detendo um poder alheio e superior ás facções, tirando de si mesmo a força precisa para governar e possuindo em si mesmo tambem a facultade de renovação, é capaz de subordinar os interesses particulares e ephemeros dos individuos ou dos agrupamentos que no seio da sociedade se degladiam em busca do predomínio ao interesse superior e constante da nação que elle incarnava e que se confunde na sua pessoa com o seu proprio interesse e o dos seus filhos e continuadores.

Só um rei para mais quando, como entre nós, representa uma tradição que se conta por seculos, tem a possibilidade de applicar na coordenação dos interesses antagonicos os valores uteis da sociedade, sommando-os, ao contrario do que succede em Republica, em que o mais que se consegue é uma transacção entre aquelles interesses, traduzindo-se, não pela «soma», mas por uma «differença» entre estes valores.

No anniversario que ora passa, todos os monarchicos, seja qual for a diversidade dos pontos de vista secundarios por que se norteiem, devem compenetrar-se d'estas verdades primeiras, e, pensando nos mortos illustres de então, juntar-se, em derradeira homenagem a Elles prestada em torno de El-Rei D. Manoel, como o depositario d'aquella secular tradição.

E, tendo presente, como no-lo ensina Maurras, que pouco vale a letra e o schema de uma constituição, mas que o que importa é o espirito que preside á sua execução, apuremos todos, no culto pela memoria dos assassinados de 1 de fevereiro de 1908 o espirito monarchico, que deve informar todos os actos da monarchia de amanhã.

Arthur de Moraes Carvalho

mundo inteiro, digamos n'este dia de lucto. Viva Portugal!

—E' vá a Saudade inexacta e fraca a Esperança, se não soubermos desencantar a occulta Força que ha dentro d'Elle, na pungente e sentida comemoração d'este dia de lucto.

D'estes Tumultos Sagrados ha-de sahir, por Deus, Resurreição «da Nossa Patria Bem Amada».

1 de Fevereiro de 1925.

Duarte Netto

Ha 17 annos

O que se está passando com a memoria de El-Rei D. Carlos, aureolada pela Justiça da Historia, que já se pronunciou exaltando-lhe o valor e avultando-lhe a figura quando ainda não descera á paz da sepultura muitos dos que nos agitados tempos finais do seu reinado estiveram nas luctas ardentes da politica, é um facto con-clador para os nossos atribulados espiritos.

Atravez dos documentos politicos que se estão publicando, o Rei assassinado ha 17 annos ergue-se do seu athaude como que resuscitado pela admiração dos seus contemporaneos. E á geração nova

El-Rei D. Carlos: Rei e Militar



Uma visita ao quartels da guarnição de Lisboa

aquella que já o não conheceu e que as paixões portanto, não attingiram, D. Carlos ainda apparece muito maior, como se, já engrandecido pelo martyrio, ainda mais o impuzesse ao culto de todos os corações a reparação que lhe é devida mesmo pelos que, tendo sido combatentes no seu reinado, agora, vindo-o a esta distancia illuminado pela luz da Verdade, com sinceridade que os ennobrece, e sem intenção de lisonja, porque seria sacrilego adular os mortos, prestam homenagem ao seu acrisolado amor pela Patria.

O Principe Real D. Luiz Philippe nem teve que esperar 17 annos, para que elle fosse ungido pela ternura saudosa do Paiz e até aos mais ferinos adversarios da Monarchia inspirasse piedade.

Assassinaram-no quando naquella fatal carruagem onde Seu Pae fôra prostrado pela bala d'um regida, se levantava tentandô defender-lhe a vida.

Reinou talvez uns breves minutos, se é que ao Pae sobreviveu ainda Reinado tão curto como um meteoro, ninguem na terra o teve mais radio:ol

A sua alma gentilissima logo se ergueu a Deus a procurar no Alem aquella outra alma que para a Eternidade subira, a entregar-se á infinita misericórdia do Senhor!

E do Principe Real, tão esbelto, tão attrahente, tão digno de reinar longamente e tão merecedor de que lhe sorrisse a fortuna, só fica uma Saudade, mas essa é immarcessivel e n'ella não tem acção o tempo: a Saudade que se entrelaça na recordação da sua garbosa figura juvenil, que foi para nós todos uma promessa, tambem uma brilhante esperança e que, de subito, n'um tragico instante, desapareceu para sempre!

O Rei morreu, tendo combatido: mas o Principe D. Luiz quando morreu apenas sorria ao luminoso despertar da manhã da sua dourada mocidade!

Pôde a politica, muito mais fria do que senti-

mental, procurar na tenebrosa agitação d'aquelle periodo historico uma explicação para o crime monstruoso do assassinio do Monarcha. Mas para a morte do Principe Real, nem os corações mais crueis podiam encontrar sequer uma atenuante do attentado infame que o roubou á vida!

Ha 17 annos que passou a tragedia do Terreiro do Paço. Das suas regias victimas Alguem mais ha, além das duas que no Pantheon de S. Vicente de Fôra dormem o seu semno de morte. Uma terceira victima houve: essa está no exilio, eternamente em lucto pelo Marido e pelo Filho que perdeu. Mas tão grande o Seu coração que não ficou abominando a terra onde não nascera e onde, por cada uma das suas raras horas felizes, teve dias de sobrehumano sofrimento! A Rainha Senhora D. Amelia quer apaixonadamente e sempre a Portugal

gall

Quando a tragedia de 1908 passa diante de nós n'esta evocação, não devemos apenas ajoelhar perante os archophagos de S. Vicente: mas inclinarmos com o mais comovido respeito, ante essa augusta figura de Rainha e de Mulher que tão magestosamente tem subido, submettida á vontade de Deus, o seu escabroso calvario, sem uma só palavra d'odio ou de recriminação e só tendo um pensamento que diz sua Patria, dominante: tornar a ver Portugal, voltar á terra que tanto lhe fez soffrer e tanto tem amado...

1925

J. A. Moreira d'Almeida

Republica da morte

Não ha para mim melhor e mais appropriada classificação que o regimento fingido e hypocrita que para ahi avilta cada vez mais o nome portuguez do que «Republica da morte».

Todos hoje já estão convencidos de que a Republica se proclamou com o abominavel crime de que foram victimas El-Rei D. Carlos e D. Luiz Philippe.

Foi a morte que nos deu a Republica e é a morte que a tem mantido.

El-Rei D. Carlos—um dos principaes reis da historia portugueza e o mais diplomata e mais querido dos chefes de Estado do seu tempo em todo o mundo!

D. Luiz Philippe—a prece já satisfeita por Deus de que Portugal continuaria a ser grande ainda Maior!

A Republica matou-os porque precisava da morte do seu grande prestigio e da sua força para a obra sinistra a que se entregou.

Que todos estejam certos de que, enquanto não se restituirem á nação as suas tradicionais instituições fiéis aliadas da Cruz e da Espada, enquanto não resgataram o sangue das regias victimas de 1 de fevereiro de 1908 o duplo crime d'esse dia não deixará caminhar Portugal nem perante Deus nem perante os homens.

Mario de Aguiar

Sudário de injustiças

Na historia de Portugal, a vida de Carlos I será eternamente um espectro, precipitando em agonias de remorso quantos pelo sangue e pelo coração se sentem combastanciados na consciencia da Patria e por essa communhão responsaveis pelos seus erros, sem fim os vão expandindo em contrição.

E porque n'essa vida se gravou o mais angustioso sudário de injustiças que gente nossa em seus desvaireamentos concebeu— injustiça para a intelligencia e fidalguia do Rei, injustiça para a sua honestidade, e para a sua bondade, e para o seu amor da grei, injustiça finalmente, e suprema, na traiçoeira tragedia em que lhe demos a morte.

Jaime de Magalhães Lima

DEVER O que pensava de D. Carlos o sabio naturalista Alberto Girard

Há 17 annos que assassinaram El-Rei D. Carlos e o Príncipe Real D. Luiz Filipe, facto este, o mais vergonhoso da historia de Portugal.

Este crime foi o acto preparatorio da republica que nos governa, parecendo a principio ter deixado a nação n'uma relativa indifferença.

Felizmente, de anno para anno, tem aumentado a repulsa publica pelo nefando crime, sendo d'isso prova as concorridas solemnidades funebres que cada vez revestem maior imponencia.

Não desprezando de forma alguma as manifestações religiosas e de saudade, entendo que, é chegado o momento de converter em factos o nosso amor pela Patria, que El-Rei D. Carlos tanto engrandeceu.

Não basta rezar e chorar, é preciso sobre tudo combater; hoje que toda a Nação está convencida dos erros praticados pela republica, é obrigação de todos os bons portuguezes, tudo sacrificarem para a restauração da Monarchia na pessoa de El-Rei D. Manuel, salvando Portugal do triste fim que rapidamente se aproxima.

Todos, sem distincção de classes, os olhos fitos no futuro de Portugal, tem que se sacrificar pelo seu Rei.

Em todo o mundo as elites governam, mostrando o seu valor, mas correndo-lhe os respectivos riscos.

Na Monarchia restaurada assim deverá ser, mas, não basta apenas apparecer depois, é preciso agora no momento da lucta e perigo que estas pessoas se evidenciem, sujeitando-se ás consequências; Sem fé nada se faz, e quem tem fé no futuro do seu Paiz não deve temer arriscar-se, cumpre apenas o seu dever.

Na minha opinião devemos conservar os direitos dos que se mostram merecedores, tiral-os aos que não souberam ou quizeram manter-se, e elevar todos aquelles que pelo seu valor e sacrificio se tornam credores do reconhecimento da Causa Monarchica, que é a da Patria.

Nesta triste data apelo pois para todos os Monarchicos, pedindo-lhe que trabalhem, conforme as suas aptidões na restauração da Monarchia, lembrando-lhe, contudo, que por mais que se evidenciem em conversas, manifestações e eleições, tudo imprescindivel para criar a opinião, isto não basta, são apenas elementos preparatorios para o acto final, que só poderá realizar-se pela lucta, com risco do nosso bem estar e da propria vida.

Jesus Christo teve que empregar a violencia para expulsar os vendilhões do templo, para nós o templo é Portugal, e os vendilhões os que nos governam, ou que d'esta situação se aproveitam e uma vez restaurada a Monarchia, teremos restabelecido em Portugal os Direitos da Igreja e do Rei, que sempre andaram ligados na nossa Historia, e cumprimos assim o nosso dever.

CONDE DE ARROCHELLA

Presidente do Conselho Director Central das Juventudes Monarchicas Conservadoras

As Juventudes Monarchicas pretendem a Restauração da Monarchia, sem discussão prévia de tendencias ou orientações partidaristas.

Todos são bem acolhidos desde que recebam o Rei e a Gloriosa Bandeira.

Monarchicos

Inscrevei-vos

nas Juventudes

Nunca supuz que n'um coração profundamente amargurado podesse existir uma tão viva alegria, como a que experimento n'este momento, em que me lembro que Sua Majestade vae inaugurar, d'aqui a pouco, a secção oceanographica D. Carlos I, base e inicio do Museu Nacional de Marinha.

Alguns poucos, n'esta illustre assembleia, não ignoram que durante muitos annos tive a honra de collaborar na obra scientifica de D. Carlos de Bragança, e se alguma cousa ha que reivindico e á qual pretendo é que me reconheçam ter sido collaborador sincero e leal.

Eis, porque, vêr hoje o Chefe do Estado, presidir a esta commemoração e, por assim dizer, consagrar, como filho amante e respeitoso, entre nós portuguezes, a obra do Seu Augusto e Saudoso Pae, me enche de jubilo, tanto mais que a criação d'este Museu corresponde a uma promessa de El-Rei D. Carlos.

Nunca me esqueceu uma conferencia, em que estava El-Rei, resebendo no seu gabinete de trabalho um illustre official da nossa marinha de guerra, que foi a alma da fundação d'esta Sociedade, e em que Elle abraçou, com enthusiasmo, como tudo o que se lhe afigurava patriótico, a fundação d'um Museu de Marinha.

O mar é, pôde dizer-se, para a nossa Patria, o symbolo da sua grandeza, porque atravez d'elle vemos desenrolar os momentos epicos da nossa historia: e El-Rei D. Carlos que, menos, talvez, era conhecido por esta face, era essencialmente patriota. Assim logo accitou a ideia que lhe era apresentada, promettendo que transferiria as suas collecções para um Museu de Marinha, desde que elle se fundasse. Separava-se do seu thesouro, que Elle tanto amava e que tantos annos de esforço lhe custára a adquirir, para um fim que reconhecia util á instrucção e desenvolvimento do Paiz.

Pertencendo a esta Sociedade não tanho que lhe tecer elogios: mas é exatamemente por ter a honra de ser membro d'ella que me rejubilo ainda mais por esta commemoração, porque ella vem dilatar o brazão do seu patriotismo e da sua iniciativa.

Presidente, e diga, rogando não supponha que tendo a pretensão de querer atacar problemas, que no meu modesto pensar estão vedados á intelligencia humana: tenho a certeza que se a alma de D. Carlos de Bragança nos acompanha n'este momento, Elle deita a Sua benção ao seu Augusto Filho por presidir a esta festa e ter correspondido assim ao Seu pensamento.

Meus Senhores: Por uma delicadeza de penrar, que não me podia passar despercebida, o meu illustre consocio que me precedeu não se espraçou sobre a obra scientifica de El-Rei D. Carlos: deixou-me, para assim dizer, gentilmente, toda a margem para falar desta obra; e, entrando no assumpto, comecei por pedir a benevolencia da assembleia, ja por falta de eloquencia para a prender, ja porque um assumpto tecnico é sempre arido, menos na bocca de illustres conferentes, e, portanto, só por muita benevolencia, esta assembleia querera prestar-me a attenção que lhe peço,

Já tentei esboçar, na Academia Real das Sciencias, o elogio scientifico do sr. D. Carlos de Bragança, mas podia refazer-o agora, por uma forma completamente diversa, porque na Sua obra toquei ao de leve. Mas hoje que a principal d'essa obra vae ser patente á vista de todos, ella falará melhor do que o poderiam as minhas melhores palavras, e assim entendi que o papel que me pertencia, perante tão magestosa e douta assembleia, era tomar o lugar de simples introductor.

Não julgo haver n'isto pretensão da minha parte. E' certo que hoje quem cultiva as sciencias não se pode limitar sómente ao ramo especial a que se dedica, pelo concatenado d'ellas. As suas divisões são por assim dizer o fructo da fraqueza do espirito humano, que precisa tudo methodicamente ordenar, para alguma cousa poder comprehender, e assim se demonstra que o introductor era dispensado.

Mas acontece que a morte, ceifando inesperadamente o Augusto Fundador e o Creador d'este Museu, Elle deixou a maior parte da sua obra inedita ou desconhecida e ao Seu collaborador pertencia, por de-

Sennhor, permita, agora Vosso majestade, que a Ella me dirija, como ao nosso

ver conhecer as Suas ideias, explicar a organização.

Mas ha mais para justificar a minha presença: é que a mim pertence qualquer censura que possa merecer a organização do Museu, porque ha dous annos que L. Carlos de Bragança não está aqui para me rectificar, e era de meu dever aqui recordal-o.

Meus Senhores: Entrando no Museu oceanographico D. Carlos I, vereis os mais curiosos aparelhos usados de bordo do yacht Amélia, vereis um mappa que tracei por ordem do nosso Augusto presidente, e em que as sondas reunidas do yacht, executadas por Elle e pela officialidade de bordo no mar da Arrabida, mostram como os grandes fundos do Oceano penetram até junto da costa a través do já reduzido planalto continental, parallelamente á referida serra, e como este accidente submarino esclarece, por esta circumstancia, o interessante problema da tectonica da referida serra, e justifica a forma notoria do exercicio da pesca no mar que a banha.

Vereis ainda os principaes typos da fauna maritima, agrupados pela bathymetria, discriminando-se as diaersas faunas que tanto interessam o exercicio e a regulamentação das pescas maritimos, desde o negro e disforme habitante do abysmo até ao ovo fluctuante e pelagico de quasi todos os peixes, e até á larva pelagica da lagosta. Podereis ainda, vêr as obras publicadas, e muitos outros trabalhos elucidativos, que se relacionavam com as investigações.

Deveria aqui terminar, porque já apontei as riquezas e a instrução que encerra o Museu de Oceanographia e cumpri o programma que me tracei e que me competia, mas não posso concluir sem, com a auctorização, que benevolmente me foi dada pelo nosso Augusto Presidente, produzir aqui um trabalho inerte, infelizmente, ainda não concluido de D. Carlos de Bragança.

No 1.º volume publicado e conhecido, sobre o regimen do atum, obra tão apreciada, apesar das concepções arrojadas que ella continha, o Seu



auctor apresentou um certo numero de conclusões, das quaes esperava, com anciedade, a sua confirmação no anno seguinte, tendo para algumas a convicção da evidencia.

Repetiram-se as observações anteriores e ampliaram-se e verificou-se, construindo os mappas, que, se algumas conclusões eram menos nitidas, outras ressaltavam dos novos diagrammas construidos.— São estes ineditos que todos aqui veem.—

Eram as principaes conclusões referentes á ida e volta do atum, n'um periodo fixo e determinado, e que em dous annos consecutivos, coincidiam. Um verdadeiro successo scientifico. Tratou então o Senhor D. Carlos de estudar a orientação completa do 2.º e novo volume, tendo do seu proprio punho redigido o principio da obra e terminado definitivamente a introdução.

Os resultados que ficam consignados n'este trabalho e que vieram confirmar os do anno anterior, parecem-me, desde já, de valia para os armadores. Se pela continuação d'estes estudos, se poder alcançar determinar, qual a variação d'um factor oceanico, em pontos determinados da costa, que esteja em relação com o apparecimento dos cardumes de atum em marcha, ficará delimitada a epocha das passagens dos atuns de direito e conjuntamente de revez, e portanto, para esses pontos, os armadores terão o meio de fazer o balanço economico do tempo da sua exploração.

O Senhor D. Carlos já não existe. A sua obra parou. Já não está entre nós para animal-al!

As suas publicações disseram da sua justiça; o louvor a ellas foi unanime entre os homens de sciencia. E por sua vez o que encerra o Museu de Oceanographia, que Elle fundou e creou, tambem vae falar.

E, ao concluir peço respeitosa-mente venia a Vossa Magestade para um appello, que sei estar no Vosso pensamento e no Vosso coração: — Vós todos, espiritos selectos e illustrados, que me tendes ouvido, cooperae para que a obra se conserve e se continue, e tereis a satisfação de ter contribuido para uma justiça, que a historia hade prestar, e para a prosperidade da Patria.

Disse.

(Do discurso proferido em sessão da Liga Naval para inaugurar a Secção Oceanographica D. Carlos I.

OS FUNERAES RÉGIOS



O cortejo funebre passando no local do crime

Marques, Pereira & C.^a

BANQUEIROS

Depósitos á Ordem e a prazo
Todas as operações bancarias

Rua do Ouro, 61
Rua da Conceição, 116-118

Telegrama PERMARUCO
fone C. 1493

GARANTIA

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada
FUNDADA EM 1833

SEDE NO PORTO

(Edificio proprio)

Capital realizado Esc. 1.000.000\$00

Reservas. Esc. 2.050.013\$62
Sinistros pagos até 1923. Esc. 11.644.622\$82

Seguros de vida

em todas as suas combinações, entre os quaes os
vantajosos seguros Familiar (seguros de capital e
pensão) e Mixto de capital duplo (que duplica o
capital em caso de sobrevivencia).

Seguros terrestres e maritimos

(Efectuam seguros tambem em moeda estrangeira)

Agentes em todo o paiz e Ultramar

Agencia em Lisboa

José Henriques Totta, L.^{da}
(BANQUEIROS)

JULIO GOMES FERREIRA & C.^a, LIMITADA

(CASA FUNDADA EM 1832)

82, Rua da Victoria, 88

166, Rua do Ouro, 170

LISBOA

INSTALLAÇÕES COMPLETAS
DE AGUA, GAZ, ELECTRICIDADE
E AQUECIMENTO CENTRAL

A DIABETES

e suas complicações, curam-se
radicalmente com o

VINHO URANADO PESQUI

que illimina o assucar do organis-
mo á razão de um grama por
dia, fortifica, acalma asêde e evi-
ta todas as complicações diabéti-
cas. E' o mais eficaz e acreditado
anti-diabético.

Mais de 25 annos
de exitos mundiaes

Amostras e folhetos á disposição
dos Ex.^{mos} clinicos

DEPOSITARIOS GERAES EM TODO
O PAIZ, ILHAS E COLONIAS

Lima, Fragoso & C.^a L.^{da}

R. d'ASSUMPCÃO, 99, 1.^o

Telefone Central 222 Tele ramam LIMFRA

LISBOA

LINHA CYP FABRE & C.^o

Providence e New York

Com escala por Ponta Delgada, Angra e Horta

A 5 de Fevereiro o paquete BRITANNIA

A 19 de Fevereiro o paquete CANADA

Para Elger, Alexandria, Constantinopla, Constanza,
Jaffa, Beyrouth e Marselha

A 24 de Fevereiro o paquete BRAGA

AGENTES GERAES EM PORTUGAL

OREY ANTUNES & C.^a LIMITADA

PORTO

62, Largo de S. Domingos

LISBOA

4, Praça Duque da Terceira



BELEZA, CONFORTO, ECONOMIA!

O OVERLAND é entregue completamente equipado.

Centenas de referencias no país e colónias.

Custo inicial reduzido. Consumo 11 a 12 litros por 100 klms. nas estradas de Portugal!!

Stock completo de accessorios para estes carros.

REPRESENTANTES:

C. SANTOS, L.^{DA} --Rua Nova do Almada, 88

RETROZARIA ANCORA

DE

Carlos Ribeiro

R. AUREA, 260

TEL. N. 2849

Grande sortido de lãs para confecções e todos os artigos da sua especialidade enorme variedade em confecções de peles para abafo e guarinição.

Encarrega-se de todos os trabalhos em peles

J. MAURY

Sucessor H. MAURY

Casa Fundada em 1859

Grande Sortimento de Relogios
de Ouro, Prata e Parede

Concertos afiançados

**RELOJOEIRO DO
Observatorio**

Astronomico

DA MARINHA

**202, Rua Aurea, 204
LISBOA**